

A EXPERIÊNCIA NO CURSO DE LÍNGUAS: ENSINO CONTEXTUALIZADO E A ESCRITA COMO REFLEXO DA REALIDADE

JOÃO VÍTOR GONÇALVES VINOLES¹; CAMILA QUEVEDO OPPELT²

¹Universidade Federal de Pelotas – goncalvesjoaoeditor10@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camila.me.ufsc@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo é um relato da experiência de ensino no projeto de extensão Cursos de Línguas, que é promovido pelo Centro de Letras e Comunicação da UFPel. A experiência relatada ocorreu com uma turma de Inglês 3, que foi composta por quatro alunos, e partiu da percepção de que a aquisição de uma língua estrangeira é mais eficaz e memorável quando conectada ao cotidiano e à realidade do aluno. Com um objetivo maior do que simplesmente focar em regras gramaticais, e sim se propondo a ensinar a língua como um instrumento vivo de interpretação e expressão pessoal, o que se alinha com às ideias de PAULO FREIRE (1996) e MIKHAIL BAKHTIN (1992) sobre dialogicidade no processo educacional.

A turma, que demonstrava um engajamento notável, consistia de alunos com interesse em se desenvolver profissionalmente através da língua. Isso justificou uma abordagem focada em um registro mais cotidiano antes de se expandir para o inglês formal, em consonância com a teoria do input comprehensível de STEPHEN KRASHEN (1985).

Desde a primeira aula, a proposta metodológica foi diferenciada e transparente. Consciente das inibições e inseguranças que podem surgir ao aprender uma nova língua, me propus a quebrar o gelo logo na primeira aula ao introduzir o conceito de "inglês como língua franca". Expliquei aos alunos que não existe uma forma "errada" de se comunicar em inglês e que sotaques são parte da identidade, um motivo de orgulho, e não de vergonha. Para exemplificar, usei um "inglês abrasileirado", mostrando que o mais importante é a mensagem ser compreendida. Essa abordagem foi imediatamente abraçada pela turma, que, embora desconhecesse o conceito, o acolheu e utilizou como base, criando uma atmosfera de confiança e cooperação que continuou por todo o semestre.

Este resumo apresentará as atividades realizadas, utilizando como base o livro didático "Four Corners, Second Edition", e aprofundará em experiências específicas que reforçam a crença na importância da contextualização no processo de ensino-aprendizagem.

2. METODOLOGIA

As aulas foram estruturadas em torno do livro didático "Four Corners, Second Edition" (RICHARDS e BOHLKE, 2017), mas a aplicação dos conteúdos foi sempre flexível e adaptada à realidade dos alunos. Buscando fugir da rigidez de um ensino focado exclusivamente na gramática, os conteúdos de verbos, advérbios, adjetivos, preposições e também gírias, foram sempre contextualizados através de inputs variados, como episódios de séries, textos e até músicas. A abordagem prática e dialógica, inspirada em BAKHTIN (1992), promoveu uma fluidez na troca de experiências entre professor e turma. As aulas se tornaram ambientes de colaboração em que os alunos não só sanavam suas próprias dúvidas, mas também discutiam as que surgiam no momento, em um fluxo de trocas muito interessante.

Uma das atividades mais significativas foi a aplicação de uma avaliação de escrita, que se distanciou dos moldes tradicionais para se tornar uma experiência de aprendizagem autêntica. Em vez de pedir a escrita sobre um tema abstrato, a aula se transformou em um passeio pelo campus Anglo, um ambiente que já era familiar a todos. Percorremos locais como os corredores, o deck do Anglo, o estacionamento, e o famoso ponto de reportagens, com o objetivo de fornecer um objeto tangível para a produção textual. O passeio, que se estendeu por cerca de 40 minutos, proporcionou uma série de observações que seriam a base da escrita. Durante a experiência, pudemos observar um casal de pombos que se aninhavam para se proteger do frio em cima de um ar-condicionado, um momento singelo que, de alguma forma, conectou a todos.

Essa aula serviu como um momento de confraternização e aprendizado, onde os alunos se sentiram à vontade para se comunicar em inglês sobre algo que estavam vivenciando juntos. Eles descreveram suas percepções, a paisagem, e o momento de ternura dos pombos, mesmo que em um inglês menos formal. Essa prática reforçou a ideia de que a língua estrangeira pode e deve ser utilizada para conversar sobre o cotidiano e que a comunicação é o seu principal objetivo, não a perfeição gramatical.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O resultado das produções textuais foi notavelmente rico. Todos os alunos conseguiram descrever com riqueza de detalhes a experiência compartilhada, e o casal de pombos, em particular, apareceu em todos os textos. Isso demonstrou que, ao vincular o idioma a uma experiência vivida, é possível gerar uma conexão autêntica com a escrita, resultando em textos que não são apenas tecnicamente corretos, mas também carregados de paixão e autenticidade. A prova, que inicialmente tinha um objetivo avaliativo, se tornou uma ferramenta de aprendizado, pois me forneceu material para aulas futuras, onde discutimos as

correções e evoluímos em conjunto.

A experiência com a turma me fez reafirmar a crença de que a língua estrangeira, longe de ser apenas um conjunto de regras, é uma ferramenta viva e um meio de dar sentido ao mundo ao nosso redor. O engajamento visível da turma, que comparecia às aulas aos sábados de manhã, e a disposição genuína em praticar o idioma em conversas cotidianas, foram a prova viva de que a metodologia de ensino contextualizado e a abordagem sobre o inglês como língua franca são eficazes. Ao desmistificar a perfeição e celebrar a comunicação, construímos um ambiente de aprendizado inclusivo e encorajador, que refletiu diretamente na motivação e no sucesso dos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES

A experiência de docência no Cursos de Línguas se mostrou uma oportunidade valiosa de reflexão sobre práticas pedagógicas. O impacto positivo que observei na motivação e no desempenho dos alunos me leva a concluir que o ensino de línguas deve priorizar o aluno como agente central de seu próprio aprendizado. A contextualização do conteúdo e a criação de um ambiente de segurança e acolhimento são fundamentais para que o aluno se sinta confiante para usar o idioma em situações reais.

Essa abordagem, embora baseada em teorias estabelecidas como as de Bakhtin e Freire, se provou eficaz na prática, validando a premissa de que a linguagem é, acima de tudo, uma forma de diálogo e expressão pessoal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRASHEN, S. D. The input hypothesis: Issues and implications. Londres: Longman, 1985.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RICHARDS, Jack C. e BOHLKE, David. Four Corners, Second Edition. Cambridge University Press, 2017.